

ULYSSES PERNAMBUCANO: PSIQUIATRA SOCIAL

Celina Ribeiro Hutzler

"Aquele que entre o doente que sofre e o governo que paga e distribui benefícios prefere este – não é um psiquiatra".
Ulysses Pernambucano. Natal, 1943

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho não tem nenhuma isenção de ânimo. Sua parcialidade percebe-se pela simples leitura da bibliografia: entre as obras consultadas sobre Ulysses Pernambucano estão apenas a de seus discípulos amigos e admiradores; entre as leituras feitas sobre o seu tempo incluem-se somente autores críticos ao Estado Novo.

Seria necessária a leitura complementar dos textos, principalmente jornais da época que o acusavam de ser "o lixo pernambucano"? Neste momento cremos que não. Pretendia-se, desde o início, fazer uma apologia à memória daquele que foi o principal mestre de René Ribeiro.

Descobrimos que existe uma vasta literatura apologética sobre Ulysses Pernambucano. A Academia Pernambucana de Medicina o chamou "psiquiatra símbolo". Sua memória está perpetuada em pedra e cal, dando nome a instituições educacionais e de saúde. Esse homem de antecipações pernambucanas vem sendo objeto de dois projetos de pesquisa atualmente em desenvolvimento na Fundação Joaquim Nabuco. Resta, no entanto, ainda campo para teses e trabalhos sobre Ulysses Pernambucano: faltam análises de conteúdo dos seus textos científicos correlacionando-os à psiquiatria e à psicologia de então; bem como apreciações mais complexas sobre seu tempo e espaço de reformador social.

Sem grandes pretensões, fazemos uma análise dos condicionamentos político-sociais que ampliaram ou limitaram a ação do psiquiatra social.

Queremos, aqui agradecer a quem mais nos ajudou neste trabalho: a René Ribeiro e a Beatriz Cavalcanti Ribeiro pelas inúmeras entrevistas nas quais descreveram o seu Dr. Ulysses, a Tamarineira, a Assistência a Psicopatas, o Sanatório Recife, bem como pelo empréstimo de livros de sua biblioteca particular. Queremos agradecer também a Graziela Peregrino a cessão do material bruto das pesquisas sobre Ulysses Pernambucano em andamento no Departamento de Psicologia Social da fundação Joaquim Nabuco, e a Virgília Peixoto pelas pistas e publicações.

2. INTRODUÇÃO

O espaço do reformador, como agente social, está contido pelo seu tempo. A partir deste enfoque, pretende-se analisar a obra de Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho, principalmente sua ação renovadora, contida em três tempos: na República Velha; no período que se seguiu à Revolução de 1930; e durante o Estado Novo. Isto é, como cientista social, pretende-se ter sempre em mente os condicionantes político-sociais que ampliaram ou limitaram a ação deste grande psiquiatra, nascido a 06 de fevereiro de 1892, no Recife, e falecido a 05 de dezembro de 1943, no Rio de Janeiro.

A República Velha, período delimitado entre 1889 e 1930, correspondeu ao início de uma série de transformações da sociedade brasileira, caracterizada principalmente pela expansão do modo capitalista de produção: pela expansão da sociedade urbano-industrial. Às alterações do processo produtivo corresponderam mudanças na estrutura de classes, caracterizadas principalmente pelo aparecimento de uma burguesia urbana e seu reverso, um proletariado urbano, enquanto expandiam-se as classes médias, embora o poder político ainda se concentrasse nas mãos das oligarquias estaduais. Ideologicamente, a República assentava-se sobre dois suportes básicos: o liberalismo e o federalismo. O liberalismo apregoava os princípios da liberdade de comércio, da superioridade da economia de mercado, e do individualismo. O federalismo consagrava o princípio da autonomia dos estados-membros, através da descentralização político-administrativa, apoiado no presidencialismo, na separação dos poderes e na representação partidária. Foi uma época de grandes agitações sociais e sucessivas revoluções, de renovação das letras e das artes, das correntes da "escola nova", da renovação da psicologia e da psiquiatria.

Nos fins da década de 1920, o sonho republicano começava a ser posto em dúvida, e a crise de 29 apenas tornou mais aguda esta situação. A Revolução de 1930 pode ser caracterizada como uma aliança de diversas facções, como uma frente ampla que contou com o apoio das classes médias urbanas civis e militares, do proletariado, e também de parte das oligarquias locais. A Revolução estabeleceu uma rearticulação entre os diversos grupos, constituindo-se o que Boris Fausto denominou "Estado de compromisso". Os antagonismos logo voltaram a surgir: entre o tenentismo e os grupos conservadores; entre as posições de "direita" e "esquerda". Em 1935, a Aliança Nacional Libertadora formou-se como uma frente dissidente absorvendo di-

versos grupos de esquerda, o que preocupou o governo. A chamada "Inten-tona Comunista" de 1935 serviria como o pretexto final para a decretação da Lei de Segurança Nacional, e declarações sucessivas do "estado de sítio" que prepararam terreno para o Golpe de 1937, quando se instalou o Estado Novo.

O Estado Novo representou uma nova rearticulação do sistema, e a morte da ideologia liberalista e federalista. A crise de hegemonia determinou uma maior autonomização do Estado, que se caracterizou pelo fortalecimento do executivo, pela centralização político-administrativa, e pela incorporação de entidades da sociedade civil, assim transformadas em aparelhos do Estado, em moldes corporativistas. O controle das classes e a coesão social seriam obtidos pela repressão, pela cooptação, e pela propaganda, garantindo uma aparente unidade da sociedade brasileira, neutralizando tensões e conflitos resultantes das transformações sociais.

Ulysses Pernambucano não assistiria à volta ao Estado de direito com a redemocratização do país em 1945. Sentira, no entanto, a força da repressão, mas não desistira de sua ação renovadora e contestadora. Sobre sua prisão, escreveu em 1937 Olívio Montenegro: "Confundem seu idealismo de ação com idealismo político. Confundem sua obra genuína e pura do homem que não separa o aperfeiçoamento das instituições públicas dos problemas de saúde mental, com a obra dos terroristas, a obra do educador, com a obra do revolucionário; o seu desengano dos governos sem ideais públicos, com a blasfêmia dos rebeldes; a ação enfim do higienista mental, com a ação do conspirador.

3. NOS TEMPOS DA REPÚBLICA VELHA

3.1. Fase de formação

Estudante de medicina no Rio de Janeiro (a Faculdade de Medicina do Recife só foi fundada em 1915), Ulysses Pernambucano foi interno do famoso professor Juliano Moreira, médico de cor e ligado à Escola Alemã, o fundador da psiquiatria brasileira, no Hospício Nacional de Alienados, entre 1910 e 1912. Ao lado dessa influência principal, conviveu com mestres como Antônio Austregésilo, Ulysses Vianna e Fernandes Figueira. Dr. Edgard Altino, seu contemporâneo no hospital de alienados da Praia Vermelha, recordava-se em discurso pronunciado na Sociedade de Medicina de Pernambuco: "era de ver o seu afincio, o interesse perscrutador, a insaciedade no indagar da verdade científica, no pesquisar dos sinais, na observação dos casos, até a diagnose psiquiátrica, ao sabor do alcorão daqueles tempos que era Kraepelin!"

Em 1913, o bacharel Samuel Campelo encontrou Dr. Ulysses clinicando em Vitória de Santo Antão, ambos jovens, pandegando juntos, e escandalizando a pequena burguesia local. "Apesar disso, Ulysses Pernambucano impôs-se como clínico geral e como caráter e quando, em o ano seguinte, deixou Vitória, deixou também um nome acatado". De Vitória, Dr. Ulysses foi clinicar em Lapa, no Paraná. Clinicar em cidades do interior era então costume entre os jovens médicos, prática lamentavelmente abandonada atualmente.

Em 1917, já de volta ao Recife, foi convidado pelo diretor do hospício da Tamarineira (então administrado pela Santa Casa de Misericórdia), Dr. Joaquim Loureiro, para trabalhar naquele hospital onde seria adjunto, substituto, alienista, e por duas vezes seu diretor. Desde então, procurou ganhar para a causa dos insanos o apoio do grande público, bem como de figuras representativas da elite pernambucana. Na época, causou grande celeuma a luta de Ulysses Pernambucano para libertar órfãs presas "como castigo" há mais de três anos, no hospital de alienados, amplamente noticiada nos jornais de 1919. Dr. Ulysses, documentou Heronides Coelho Filho, não temeu enfrentar o próprio Dr. Loureiro, bem como os poderosos mordomos da Santa Casa, tendo recebido apoio de muitos colegas. Paralelamente, Ulysses Pernambucano já propunha mudanças radicais no hospício, atualização dos métodos terapêuticos, modernização de sua estrutura e principalmente sua humanização.

Ao mesmo tempo em que começava como médico da Tamarineira, Dr. Ulysses foi convidado, pelo Dr. Octavio de Freitas, para trabalhar na Higiene "donde foi subindo, foi subindo sempre", como testemunhou o Diretor. Dr. Octavio de Freitas havia sido nomeado, pelo Governador Manuel Borba, Diretor da Higiene de Pernambuco, em 1918, para combater a epidemia de "influenza espanhola", que atingiu violentamente o Recife, vinda de Dakar, paralisando praticamente a vida urbana e ceifando muitas vidas humanas.*

Também em 1918, Ulysses Pernambucano fez concurso para professor da Escola Normal Oficial, para a cadeira de Psicologia e Pedologia, obtendo o primeiro lugar (embora fosse preterido na nomeação), defendendo a tese "Classificação das crianças anormais". Desde então data sua preocupação com a educação dos deficientes mentais. Fez também concurso para o Ginásio Pernambucano, onde começou a ensinar em 1919 Psicologia e História da Filosofia.

Homem de saber eclético, além de sua cadeira, ensinou no Ginásio Pernambucano, interinamente, disciplinas tão variadas como inglês, física, química, história universal e do Brasil, conforme consta da **Revista do Ginásio Pernambucano** de 1933. Ruy Coutinho, seu aluno no Ginásio, testemunhou ter sido Ulysses Pernambucano um grande mestre e orientador de pesquisas, uma "impressão nova de professor", cada aula sua uma surpresa intelectual.

Além do ensino médio, Ulysses Pernambucano orientou-se para a docência universitária. A Faculdade de Medicina do Recife, onde começou a ensinar, em 1920, como professor substituto das Clínicas Neurológica e Psiquiátrica, seria sua principal tribuna e local de arregimentação daqueles que formariam a famosa "Escola Psiquiátrica do Recife". Dr. Ulysses continuaria a ensinar na Faculdade de Medicina mesmo após sua aposentadoria em 1938, pois sendo uma instituição particular estava a salvo do arbítrio do Estado Novo. Entre 1934 e 1938, lecionou como catedrático Semiologia Neuro-Psiquiátrica, após então seria o catedrático de Clínica Neurológica.

* Foi então colega do Dr. Jefferson Ribeiro, pai de René Ribeiro. O filho relatou a emoção do enterro do pai, em 1923, que teve como orador o Dr. Ulysses Pernambucano.

Assim, no período que antecedeu o Governo Sérgio Loreto (1922-1926), quando através de sua amizade com o Dr. Amaury de Medeiros começaria a ocupar cargos de direção, Ulysses Pernambucano somaria as experiências de psiquiatra e de higienista, de educador que possibilitaram sua transformação em um grande psiquiatra social. Dr. José Lucena, em brilhante trabalho apresentado no Ciclo de Estudos sobre Ulysses Pernambucano, definiu a psiquiatria social como "uma disciplina aplicada e eclética, absorvendo, entre outros aspectos, a psiquiatria preventiva e de comunidade e a mudança social das instituições psiquiátricas, (de acordo com Ruesch), procurando integrar os conhecimentos obtidos das ciências sociais com as técnicas e conhecimentos do psiquiatra". Ulysses Pernambucano, como lembrou Gilberto Freyre, não foi, como nunca seria, um doutor de ricos e de hospitais. Desde cedo teria uma visão mais ampla da medicina: a higiene e a saúde pública.

Era um magnífico didata, atraía em torno de si discípulos fiéis: ultrapassou as paredes das salas de aula e das enfermarias ligando, pioneiramente, o ensino à pesquisa e à extensão. Era um homem de inteligência rara, brilhante, excelente organizador e administrador. Como escreveu Julio Belo: Ulysses Pernambucano aliava a força da inteligência ao senso de organização, da ordem, da energia e da vontade, era um indivíduo excepcional, um tipo raro de administrador.

Seu amigo Edgard Altino, que já o conhecia desde os tempos do colégio Ayres Gama, o descreveu como "alegre, sintônico, palrador, alvorçado, com agilidade mental notável". O primo Gilberto Freyre escrevia em 1944 que Ulysses Pernambucano "admirava as paisagens tropicais e as mulheres bonitas, as velhas igrejas, os velhos móveis, os pintores clássicos, os poetas antigos, e também a arte dos artistas e escritores jovens, revolucionários e experimentais". Carismático, atraente sem ser bonito, mulherengo, elegante sem ser janota, porte alto e delgado, fisionomia magra e simpática, juntava a essas qualidades uma outra então indispensável: pertencia a uma das famílias tradicionais pernambucanas, filho do ilustre Dr. José Antônio Gonsalves de Mello, graduado funcionário do Tesouro Nacional. Seguindo uma tradição da época, casou-se com uma prima: Albertina Carneiro Leão.

Seu tempo era de reformas. Sem nunca ter saído do País, tinha amplo conhecimento do que se processava lá fora. Ulysses Pernambucano, comprou José Lucena, sozinho em sua província poria em prática, em reformas paralelas e autônomas, transformações, guardadas as proporções, no estilo das que ocorreram no campo da saúde mental nos Estados Unidos. Como outros reformadores educacionais do seu tempo, entre os brasileiros citando-se Anísio Teixeira, A. Carneiro Leão, Helena Antipoff, etc., viu as vantagens da associação da pedagogia com a psicologia, a sociologia e mesmo a estatística. Comentou também José Lucena que embora Ulysses Pernambucano desse ênfase à causalidade orgânica na doença mental nos primórdios de sua carreira, colocaria depois a psicologia e a psiquiatria na interfase da biologia e das ciências sociais.

3.2 Início da fase reformadora

O governador Sérgio Loreto, bacharel ligado às oligarquias pernambucanas, trouxe o seu genro, Dr. Amaury de Medeiros, para a Diretoria de Higiene e Saúde Pública, transformando-a no Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco, e fazendo do setor uma das metas prioritárias de sua administração. Em 1923, Amaury de Medeiros colocou Ulysses Pernambucano como chefe do Serviço de Demografia Sanitária, Estatística e Propaganda de seu Departamento. Por toda sua vida é sua obra, percebe-se o fascínio de Ulysses Pernambucano pela estatística como instrumento de apoio ao médico, ao educador, ao sanitarista, ao pesquisador.

Juntos, ele e Amaury de Medeiros, procuraram atrair para o Estado a direção de alguns nosocômios, entre eles a Tamarineira. Entre 1924 e 1926, Dr. Ulysses foi diretor do hospício de alienados: (já sob responsabilidade estadual), e pôde então tornar realidade seu maior sonho: reformar o antigo hospital, humanizar a psiquiatria em bases científicas. Com apoio de Amaury de Medeiros, do Governador, e da comunidade levantada em campanha jornalística, Ulysses Pernambucano modernizou o velho hospital, modificando-o em sua estrutura, em seu espírito, e em seus métodos. Depôs o jornalista Annibal Fernandes ter sido uma luta áspera e rude, que lhe trouxe inimizades, mas apaixonou a opinião pública.

Para Dr. Ulysses o doente mental era principalmente um **homem** doente ao qual a sociedade negava o direito de uma vida ativa e feliz. Sua grande preocupação foi cercar-se de colaboradores e discípulos para empreender o trabalho de larga envergadura que idealizara: demolir os calabouços, jogar fora as camisas-de-força, dar tratamento aos doentes em espaços adequados por métodos adequados, bem como assistência integral do ponto de vista alimentar, medicamentoso e social. Tão importante quanto as reformas físicas que empreendeu foi a realização de observações sistemáticas dos doentes e a admissão de internos, os primeiros dos hospitais pernambucanos. Contou, nessa fase, o Dr. Ulysses com a colaboração de colegas da Tamarineira como os doutores A. Codeceira, Costa Pinto e Adalberto Cavalcanti.

Como reformador da Tamarineira, Ulysses Pernambucano estava iniciando o que viria a ser, mais tarde, sua grande obra: a reforma da Assistência a Psicopatas. Desde seus tempos de diretor do hospital e professor substituto das Clínicas Neurológica e Psiquiátrica da Faculdade de Medicina, começaria a formar a chamada "Escola Psiquiátrica do Recife". Dr. José Lucena, membro do grupo, distinguiu alguns dos atributos comuns de orientação técnica e de trabalho:

- a) Para a Escola do Recife, a psiquiatria não era apenas simples clínica mental. O esforço de seu organizador sempre visou alargar tais limites, realizando uma verdadeira integração das diferentes ciências.
- b) Frequentemente eram tratados temas de alcance ou repercussão social, como estudos sobre a psicopatologia de diferentes categorias de desajustados, inquéritos de caráter sociológico e antropológico, trabalhos estatísticos e de neuro-higiene.

- c) Os estudos da Escola Psiquiátrica do Recife tinham caráter local, regional e nacional. Sua preocupação em seguir as diretrizes do método científico lhe daria confiabilidade, tanto aos trabalhos de ordem clínico-descritiva, quanto a aqueles resultantes da utilização de processos psico-técnicos e das ciências sociais.

O próprio Ulyssés Pernambucano, em seu discurso no Congresso de Natal, anos depois (1943), afirmou que "sem deixar de dar a devida importância aos casos individuais, nenhum psiquiatra digno desse nome deixa os novos aspectos do que se poderá chamar a psiquiatria social. É por esses estudos que chegaremos a assentar em bases sólidas a higiene mental". Sua ação de psiquiatra social, ainda no governo Sérgio Loreto, não se limitaria à reforma da Tamarineira.

Apresentava-se também como preocupação da administração estadual uma reforma do ensino em Pernambuco. Para diretor da Escola Normal Oficial, pilar de apoio desta reforma, o Governador nomeou Ulysses Pernambucano.

Sylvio Rabello e Estêvão Pinto têm bons depoimentos sobre esse tempo de reformas na Escola Normal correspondente à administração Ulysses Pernambucano (1923 a 1926). Foi seu campo de experimentação das teorias de libertação das crianças das duras restrições da pedagogia autoritária, da disciplina rígida. Ulysses Pernambucano preocupou-se em estudar os males que afligiam os alunos procedendo a inquéritos sistemáticos que mostravam a vida da criança dentro e fora da escola. Apertado pelas escassas dotações orçamentárias, utilizou seu prestígio pessoal para atrair o interesse da comunidade recifense para sua obra. Instalou, pioneiramente, a assistência escolar: merenda, caixa escolar, clínica dentária, visitas domiciliares. Também pioneiramente realizou pesquisas sobre as condições somáticas e mentais dos alunos. Incluiu a educação física, os jogos livres, o orfeão, as atividades manuais, incentivou um jornal das alunas, reformou o Curso de Aplicação criando também classes para anormais, supernormais e de recuperação, e centralizou os colégios equiparados. Novamente não se limitava à reforma material: foi precursor da renovação pedagógica.

Como continuação de sua obra de educador, e certamente ponte entre a educação e a psiquiatria, criou em 1925 o Instituto de Psicologia, anexo ao Dep. de Saúde e Assistência, o primeiro com existência oficial em todo o Brasil. O Instituto de Psicologia, do qual foi o primeiro diretor (exonerou-se em 1926 quando Amaury de Medeiros deixou o Departamento), ampliará e consolidará sua renovação pedagógica. Cuidaria o Instituto (*) nos anos seguintes, de uma notável tarefa de padronização de testes psicológicos, valendo salientar, entre eles, a revisão pernambucana da escala métrica de inteligência Binet - Simon - Terman, a padronização de vários testes coletivos de inteli-

* Quando da reforma Carneiro Leão (Governo Estácio Coimbra) o Instituto passou a denominar-se de Seleção e Orientação Profissional, voltando a sua denominação anterior, mas então incorporado à Assistência a Psicopatas, no Governo Carlos de Lima.

gência, o estudo sobre o vocabulário infantil, contando com a colaboração de Anita Paes Barreto, Anita Pereira da Costa, Alda Campos e Cirene Coutinho, dentre outros.

Mas não foi impunemente que Ulysses Pernambucano mexeu na velha ordem préestabelecida. Contra ele foram levantadas campanhas de difamação envolvendo, inclusive, sua vida moral, atribuindo-lhe conduta reprovável no trato com funcionárias da casa. Formou-se um "tribunal de honra", do qual participaram figuras da maior expressão do meio social do Recife, que chegaria à conclusão, levando em conta o nome, a tradição, e toda vida do acusado, que tudo não passava de calúnias. A Congregação da Escola Normal abriria depois inquérito, o qual reafirmou o veredicto do "tribunal de honra": o Diretor era inocente.

Já no governo Estácio Coimbra, Dr. Ulysses foi nomeado diretor do Ginásio Pernambucano, cargo que exerceu de 1928 a 1930. Estácio Coimbra havia convidado o educador A. Carneiro Leão para realizar uma ampla e revolucionária reforma do ensino no Estado, na qual o Ginásio Pernambucano teria papel importante. Teve então o Dr. Ulysses, conforme explicou Waldeimar Valente, dentro da reforma Carneiro Leão oportunidade de dar continuidade a sua obra educacional. Dentro do novo projeto, o Instituto de Psicologia foi transformado no Instituto de Seleção e Orientação Profissional servindo para orientar os candidatos ao magistério conforme suas aptidões, qualidades, atributos e potencialidades, ficando sua direção confiada a Ulysses Pernambucano.

A Reforma Carneiro Leão também encontrou fortes resistências, atingindo principalmente o ensino na Escola Normal. Juntavam-se às críticas a oposição capitaneada pelos irmãos Lima Cavalcanti, o clero timoneado pelo arcebispo D. Miguel Valverde, somando-se os protestos dos acadêmicos de Direito. Ulysses Pernambucano (que já não era mais o diretor da Escola) fez parte de uma comissão de alto nível que conseguiu resolver o impasse, recomendando a manutenção das linhas gerais da reforma, mas recuando nos pontos mais polêmicos referentes à educação sexual.

4. NOS TEMPOS DA REVOLUÇÃO DE 30

Como foi visto anteriormente, a Revolução de 1930 deve ser compreendida como um movimento social, uma frente ampla que reunia junto a forças oligárquicas dissidentes as novas forças sociais dinâmicas das classes médias e do proletariado. Durante o governo provisório de Getúlio Vargas (1930-1934) as nomeações dos interventores nos estados dependiam do cômputo dessas forças. Quem veio a dominar Pernambuco foi Carlos de Lima Cavalcanti (primeiro como interventor depois como governador), representante das oligarquias dissidentes que haviam combatido o deposto governador Estácio Coimbra. Carlos de Lima acompanhou-se de auxiliares reformistas que imaginaram um amplo programa de realizações progressistas para Pernambuco. Seu secretariado, acusado de esquerdizante, lhe valeria fortes pressões após 1935, as quais culminariam com seu afastamento do governo quando do golpe de 1937.

Em 1930, o interventor Carlos de Lima convidou Ulysses Pernambucano para reassumir a direção do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais (Tamarineira), bem como organizar o Serviço de Assistência a Psicopatas, subordinando-o à Secretaria de Justiça e Negócios Interiores. Em 01.01.1931, o Decreto nº 26 do Interventor Federal (*) criou a Assistência a Psicopatas que compreendia, segundo se lê no art. 2º:

- I - Serviços para doentes mentais não alienados: a) Ambulatório; b) Hospital aberto.
- II - Serviços para doentes mentais alienados: a) Hospital para doenças agudas; b) Colônia para doentes crônicos.
- III - Manicômio Judiciário.
- IV - Serviço de Higiene Mental: a) Serviço de prevenção das doenças mentais; b) Instituto de Psicologia.

O Diretor Geral da Assistência a Psicopatas seria necessariamente o diretor do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais (então Ulysses Pernambucano). O Instituto de Psicologia formou-se pela absorção do Instituto de Seleção e Orientação Profissional, e o Hospital de Doenças Nervosas e Mentais (Tamarineira) centralizaria todos os serviços auxiliares da Assistência a Psicopatas, sediando, também, temporariamente os serviços que ainda não dispusessem de prédio próprio. Tinha início um dos períodos mais fecundos para a psiquiatria, a psicologia e mesmo as ciências sociais em Pernambuco. A experiência não seria abortada, embora fosse castrada ou contida, em 1935, quando se iniciava a perseguição pessoal dos governantes ao seu grande criador.

A Direção do Manicômio Judiciário, funcionando então em uma das enfermarias do hospital da Tamarineira, foi confiada ao Dr. Alcides Codeceira, velho companheiro de Ulysses desde suas primeiras lutas em prol dos insanos nos idos de 1919. No Serviço de Higiene Mental, nódulo básico auxiliar do sistema, ficou o Dr. José Lucena. A colônia de doentes crônicos seria dirigida pelo psiquiatra Vicente Gomes de Matos. O Serviço Aberto, incluindo o ambulatório e o Hospital Correia Picanço, seria entregue ao discípulo favorito do Dr. Ulysses, Gildo Neto, que fora o primeiro interno da Tamarineira.

Testemunhou o psiquiatra Heitor Carrilho que, conjugando idéia e ação, Ulysses Pernambucano conseguiu: a) instalar com eficiência o Ambulatório, articulando-o com os Centros de Saúde do Recife e com os serviços antivenéreos; b) fazer funcionar em salas especiais do Hospital de Doenças Nervosas e Mentais os serviços de atendimento a doentes de neuro-sífilis e outros que se destinavam ao atendimento aberto enquanto não fossem transferidos para prédio próprio; c) construir novos pavilhões no Hospital de Doenças Nervosas e Mentais; d) instalar, na antiga Escola Teórico-Prática de Barreiros, uma moderna colônia de alienados, destinada a proporcionar a te-

* Heronides Coelho Filho transcreveu na Integra este decreto em seu livro **A Psiquiatria no País do Açúcar**.

rapêutica pelo trabalho aos doentes crônicos, conseguindo que, após a organização de ficha clínica e psicológica, cada paciente tivesse ocupação certa; e) estabelecer a assistência hétéro-familiar, com regulamento próprio; f) criar o Manicômio Judiciário que embora ainda não dispo de prédio, funcionava em enfermarias separadas, cumprindo a tríplice função de órgão de defesa social, hospital para tratamento de psicopatas delinqüentes, e instituto de observação psiquiátrica de acusados suspeitos de alienção mental.

A Assistência a Psicopatas foi mais do que uma organização burocrática: foi a concretização da filosofia da Escola Psiquiátrica do Recife, reunindo tanto a face assistencial, como a científica, e ainda a feição social. Não foi apenas o trabalho de um homem mas de um grupo capitaneado por Ulysses Pernambucano e formado por seus colegas e discípulos, dentre eles os então estudantes de medicina René Ribeiro, Arnaldo Di Lascio, Pedro Cavalcanti, José Carlos Cavalcanti Borges, João da Costa Machado, e médicos como José Lucena, Gildo Neto, Vicente de Matos, Alcides Benício, João Marques de Sá.

Das feições assistencial e científica já foram feitas referências neste trabalho, devendo-se, ainda, destacar a preocupação com os aspectos sociais da questão da doença mental que o higienista Ulysses Pernambucano não deixaria de lado. Para ele, fazer higiene mental era não fazer medicina. Assim, no art. 7º do referido Decreto 26/31, abriu espaço próprio para o higienista fixando que:

“A secção de higiene mental cabe, além do esclarecimento e da educação do público sobre a natureza, a causa e a curabilidade das doenças mentais, e meios de evitá-las, fazer a prevenção de psicopatias, colaborando com os serviços de higiene pré-natal, maternidade, médico-escolar, de profilaxia da sífilis, higiene industrial e profissional”.

O Serviço de Higiene Mental, o primeiro deste tipo oficial no Brasil, funcionava no mesmo prédio do hospital da Tamarineira e realizou obra notável*. Reabsorveu o Instituto de Orientação e Seleção Profissional, novamente batizado Instituto de Psicologia. Além dos serviços de rotina – estatística, divulgação, serviço social, etc. – levou a cabo vários inquéritos sociais, dentre eles estudos pioneiros sobre os cultos afro-brasileiros. Instalou uma biblioteca especializada, abriu um museu, publicou boletim informativo próprio, organizou curso de psicologia, neuropsiquiatria infantil e higiene mental. Utilizou os métodos então disponíveis de comunicação de massa (imprensa e rádio) para levar suas mensagens às comunidades.

Pedro Cavalcanti, que trabalhou no Serviço de Higiene Mental, relatou como o Diretor Geral da Assistência a Psicopatas começou a interessar seus alunos pelo estudo das sobrevivências religiosas dos negros africanos, induzindo-os à pesquisa de campo nos terreiros de xangô do Recife. O verdadeiro sentido dos estudos foi, inicialmente, tentar acabar com as perseguições políticas aos terreiros (a Assistência a Psicopatas ligava-se à Secretaria da Justi-

* No Serviço de Higiene Mental trabalhou como assistente social Beatriz Cavalcanti, hoje Ribeiro, e à sombra dos pés de arará namorou o acadêmico de medicina René Ribeiro, interno do Hospital.

ça), conseguindo para os cultos afro-brasileiros existência legal. Esse trabalho com os presidentes das seitas africanas seria importantíssimo na organização do I Congresso Afro-Brasileiro, promovido por Gilberto Freyre em 1934, tendo como presidente de honra Ulysses Pernambucano. Aliás, Gilberto Freyre teria uma participação efetiva na orientação futura desses estudos: "em grande parte por influência minha e não de nenhum Herskovits, como às vezes se insinua – Ulysses deixava (nos seus últimos anos) de ver o problema de tais sobrevivências pura expressão de 'patologia social', para considerar as culturas negro-africanas sob novo aspecto: sem preconceito que as deformasse em material clínico", afirmou em 1944, em conferência na Faculdade de Direito de Alagoas.

Como decorrência ou conseqüência do Serviço de Higiene mental, foi fundada em 1933 a Liga de Higiene Mental, nexa entre a comunidade recifense e o Serviço, congregando em seus quadros médicos, psicólogos, biólogos, criminalistas, sociólogos e estudiosos dos problemas sociais, da qual Ulysses Pernambucano foi presidente por muitos anos. A Liga levaria avante um grande sonho do seu inspirador: a Escola para Anormais que seria inaugurada em 1953. O prestígio de Ulysses Pernambucano entre a comunidade científica, que se colocaria em sua defesa mesmo nos tempos de perseguição política, era muito grande. Fora também Ulysses Pernambucano líder classista e presidente do Sindicato dos Médicos de Pernambuco.

Os trabalhos da Escola Psiquiátrica do Recife, nesta fase, encontram-se publicados nos Arquivos da Assistência a Psicopatas, periódicos que seu diretor incentivava, cobrando artigos, elogiando os méritos e criticando as falhas de seus companheiros de trabalho.

Apesar do prestígio junto ao Governador a quem tratava por "Carlos", como mostra a correspondência coletada pelo Dr. João Marques de Sá, Ulysses Pernambucano teve que lutar contra a incompreensão sobre seu trabalho e a falta de verbas para seu hospital, motivando sucessivos pedidos de exoneração. Em 1935, finalmente afastou-se da direção geral da Assistência a Psicopatas. Cercado de inimigos, após a chamada Intentona Comunista, foi acusado de subversivo e teve que amargurar 40 dias de cárcere, antes de ter sua inocência proclamada pelo Tribunal de Segurança Nacional. Sua saúde foi abalada pela prisão injusta, pelo desgosto de abandonar sua grande obra, e em novembro de 1936 sofreu seu primeiro enfarte. Um segundo o mataria sete anos depois.

5. NÓS TEMPOS DO ESTADO NOVO

O Golpe de 1937 marcou o início do Estado Novo, embora ele viesse sendo preparado desde os episódios de 1935. No primeiro semestre daquele ano, formou-se a Aliança Nacional Libertadora, frente ampla que defendia as reivindicações de democratas, nacionalistas e comunistas, angariando rapidamente adeptos em todo o Brasil, entre eles Ulysses Pernambucano. O alargamento da Aliança Nacional Libertadora apavorou o governo que fechou sua sede em 13.07.1935, declarando-a subversiva. Nos fins de 1935, uma tentativa frustrada de levante comunista serviria para justificar as decretações

sucedidas de "estado de sítio" e "estado de guerra" enquanto era preparada, em surdina, a Carta Constitucional que serviria de base legal ao Golpe de 37. O Estado Novo foi um regime ditatorial, anti-regionalista, centralizador, quando foram extintos os partidos, a democracia, as liberdades individuais, e que vigorou até 1945.

Hostilizado pelos meios oficiais, Ulysses Pernambucano foi atingido pelo famoso art. 177 da Carta Constitucional de 1937, que dispunha sobre a faculdade do governo, no "interesse do serviço público ou por conveniência do regime", aposentar ou reformar funcionários civis ou militares.

A ditadura estadonovista não aceitava a rebeldia de Ulysses Pernambucano, nem seu sucesso profissional. Relatou Andrade Lima Filho ter sido Ulysses Pernambucano um campeão de prisões, o que Gilberto Freyre explicou como também motivadas por pura inveja. Ulysses tinha "automóvel – e automóvel bom – vantagem que alguns ricos consideravam exclusividade sua e privilégio dos homens do governo, seus camaradas". Quería "um Ulysses Pernambucano de botinas cambadas e roupas sovadas, farejando restos de comida nas cozinhas dos palacetes e visitando seus clientes a pé". Mas essas prisões e a perseguição oficial, como também lembrou Gilberto Freyre, muito tivera a ver com o fato de que "Para ele e para o quase-político que ele era – a Psicologia e a Psiquiatria deviam participar da reconstrução das sociedades desorganizadas pelos excessos do Capitalismo: pelo seu sistema de competição destruidor da saúde mental de tantos homens".

Nem a repressão nem a cooptação conseguiram destruir a Escola Psiquiátrica do Recife. Ainda em 1936, Ulysses Pernambucano fundou o Sanatório Recife, no beco do Padre Inglês, hospital psiquiátrico particular modelo e pioneiro em Pernambuco, alugando prédios da antiga hospedaria da Great Western, para isso contraindo dívidas e investindo o que possuía. Com a ajuda de seu discípulo, Dr. Arnaldo Di Lascio, que por muitos anos se dedicaria ao Sanatório, e apoio de seu filho Dr. Jarbas Pernambucano, também médico psiquiatra *, abriu seu hospital a todos os médicos que quisessem acompanhar o tratamento de seus doentes. Reclame publicado na revista *Neurobiologia* anuncia tratamentos especializados em "malarioterapia, piroterapia, insulino-terapia, convulsoterapia, eletroterapia, psicanálise". Servia o hospital "para tratamento de doentes nervosos e mentais, repouso, regimes". Tinha serviço de psicologia e psicopedagogia a cargo de especialistas. Dr. René Ribeiro, que se formou em medicina em 1936, iria organizar o serviço de insulina e convulsoterapia, Dr. Pedro Cavalcanti o de fisioterapia e recuperação motora. O Sanatório oferecia assistência médica ininterrupta por médicos internos, e ainda vivo o Dr. Ulysses passaram por lá psiquiatras célebres como Walderedo Ismael de Oliveira, Luiz Cerqueira, Almir Guimarães, Antônio Couceiro, dentre outros.

As portas do magistério não puderam ser cerradas ao Dr. Ulysses: lhe restou a cátedra da Faculdade de Medicina, então uma instituição particular que não estava submetida à orientação fascista do Estado Novo.

* Seu outro filho José Antônio Gonsalves de Mello Neto é conhecido historiador.

A prisão do Dr. Ulysses chocou médicos e intelectuais. Em 1937, sem temor de apoiar um "subversivo", seus amigos publicaram os "Estudos pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano", hoje uma das fontes mais ricas de informações sobre o grande psiquiatra. O livro é uma antologia de depoimentos assinados por José Lins do Rego, Heitor Carrilho, Olívio Montenegro, José Lucena, Annibal Fernandes, A. Austregésilo, Sylvio Rabello, Júlio Bello, Octávio de Freitas, Ruy Coutinho, Samuel Campelo, Padre Batista Cabral, Estêvão Pinto, Pedro Cavalcanti, e inclui artigos sobre temas diversos de Gilberto Freyre, Waldemir Miranda, Aggeu Magalhães, Alcides Benício, René Ribeiro, L. Robalinho Cavalcanti, Nelson Chaves, Annita Paes Barreto, Luciano de Oliveira, Arnaldo Di Lascio, Vicente de Mattos, Gonçalves Fernandes e J. C. Cavalcanti Borges.

A Escola Psiquiátrica do Recife funcionaria a partir de 1936 com sede no Sanatório Recife. Em 1938, Dr. Ulysses fundou a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste (depois do Brasil), da qual foi o primeiro presidente, aberta a todos, sem estatutos, sem regras para admissão de sócios, sem penalidades, destinada a promover maiores contactos entre médicos, mas arregimentando também indivíduos de outras profissões. Seria a primeira associação científica nacional abrangendo outros trabalhadores de saúde mental e não somente médicos.

Continuava, assim, Ulysses Pernambucano sua obra de psiquiatra social, dentro da compreensão, como enfatizou René Ribeiro, do estudo do doente mental como um todo, estudo amplo do meio social e da patologia social, procurando ver o alienado como um desajustado que medidas profiláticas adequadas poderiam reintegrar na sociedade. Bem ao mesmo tempo, criou Ulysses Pernambucano a revista *Neurobiologia*, novo veículo da produção científica da Escola Psiquiátrica do Recife, que então melhor se chamaria do Nordeste. A importância dada pelo mestre às amplas possibilidades de utilização de estatísticas apoiando tanto o trabalho diário dos hospitais e escolas, quanto a pesquisa científica, e ainda a preocupação com a interdisciplinaridade, refletem-se nos muitos artigos de *Neurobiologia*, revista que sobreviveu ao tempo.

A Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, ainda vivo o Dr. Ulysses, realizou três importantes congressos científicos em João Pessoa (1938), Aracaju (1940), e Natal (1943), nos quais foram apresentados trabalhos de psiquiatria, neurologia e higiene mental, mas também de serviço social, psicologia, folclore, sociologia, sobre reforma do código penal, delinquência, medicina em geral e outros.

Disse Ulysses Pernambucano na abertura do Congresso de Natal, na últimavez que falaria em público: "Esta Sociedade não se constituiu para demolir nem para atacar. Queremos doutrinar os que ignoram, corrigir os que erram, aplaudir os que o merecem. O que ela não fará jamais – eu o espero – será tolerar a injustiça e apoiar a iniquidade"

No ano de 1983, quando passados quarenta anos da morte de Ulysses Pernambucano, muitos ainda podem mirar-se em seu exemplo. Permanecem válidas as palavras de René Ribeiro, no discurso pronunciado na Sociedade de Medicina, na sessão solene de homenagem ao primeiro aniversário do falecimento de seu mestre:

“É a maior glória do Homem: sobreviver à morte pelo espírito, e ele, em toda a sua plenitude logrou obtê-la.”

BIBLIOGRAFIA

I – Principais publicações científicas de Ulysses Pernambucano:

Sobre algumas manifestações nervosas da heredo-sífilis. Rio de Janeiro, 1912 (tese de formatura).

Classificação das crianças anormais. A parada do desenvolvimento intelectual e suas formas. Recife, Imp. Industrial, 1918.

Discursos a professores do colégio Santa Margarida e aos bacharelados do Colégio Americano Batista. Recife, Graf. da Penitenciária, 1923.

Bases fisiopsicológicas da ambidextria. Recife, 1924.

Formação de hábitos sadios na infância (tese apres. no III Congresso de Higiene de São Paulo). Recife, Imp. Industrial, 1927.

As médias de estatura de escolares de Pernambuco. **Jorn. Med. Pernambuco**, 1, 1927.

Estudo psicotécnico de alguns testes de aptidão (colab. Anita Paes Barreto). **Jorn. Med. Pernambuco**, 2, 1927.

A Psicologia em Pernambuco. **Arq. Bras. H. Mental**, 3 (1): 85–90, 1930.

Ensaio de aplicação das 100 questões de Ballard (Colab. Anita Paes Barreto). **Arq. Bras. H. Mental**, 3, 1930.

Malarioterapia na paralisia geral (colab. Gildo Neto e Alcides Benício). **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 1 (1): 113–115, 1931.

- O Vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife, (colab. Anita Paes Barreto). **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 1, (1): 1-33, 1931.
- O Teste "a bola e o campo" em crianças de 12 a 13 anos (colab. Alda Campos). **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 1 (1): 34-36, 1931.
- Quocientes de inteligência em escolares do Recife (colab. M. Leopoldina de Oliveira). **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 1 (1): 56-60, 1931.
- Assistência a psicopatas de Pernambuco, idéias e realizações. **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 2 (1): 3-59, 1932.
- As Doenças mentais entre os negros de Pernambuco (colab. Helena Campos). **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 2 (1): 120-127, 1932.
- Um Caso de paladia post-encefálica (colab. José Lucena). **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 2, 1932.
- Estudo estatístico da paralisia geral. **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 3, (2): 155-164, 1933.
- Conferência sobre a reforma da Assistência a psicopatas de Pernambuco. **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 3 (2): 208, 1933.
- O Trabalho dos alienados na Assistência a Psicopatas de Pernambuco. **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 4 (1): 19-25, 1934.
- As Doenças mentais entre os negros de Pernambuco, In: Estudos Afro-Brasileiros. Rio de Janeiro, Ariel, 1935.
- Organização de um curso de extensão universitária sobre higiene mental na Faculdade de Medicina do Recife. **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 5 (1-2): 78, 1935.
- Alguns dados antropológicos da população do Recife (colab. Arnaldo Di Laszio, Jarbas Pernambucano e A. Guimarães). **Arq. Assist. Psicop. Pernambuco**, 5(1-2): 40-45, 1935.
- Recursos modernos de assistência aos doentes mentais. **Neurobiologia**, 1(1): 1-13, 1938.
- Seis casos de miotonia congênita. **Neurobiologia**, 2, 1939.
- Um caso de atrofia muscular pseudo-hipertrófica (colab. Jarbas Pernambucano). **Neurobiologia**, 2, 1939.

A Neuromielite epidêmica – doença de Austregésilo – em Pernambuco (colab. Arnaldo Di Lascio e Alcides Benício). **Neurobiologia**, 3, 1940.

Síndrome de atrofia paleo-cerebelar (colab. A. Couceiro). **Neurobiologia**, 3, 1940.

Palavras de introdução do nº especial dedicado ao Congresso de Aracaju. **Neurobiologia**, 3 (4):4, 1940.

Estudo estatístico das doenças mentais encontradas em 400 primeiros internados em casa de saúde particular (colab. Arnaldo Di Lascio). **Neurobiologia**, 3, (4):497–504, 1940.

Neuropsiquiatria forense (laudos). **Neurobiologia**, 4 (2): 162–175, 1941.

Discurso no centenário do Hospital Psiquiátrico Nacional. **Neurobiologia**, 4(3):265–269, 1941.

A Ação social do psiquiatra. **Neurobiologia**, 6 (4): 153–160, 1943.

Discurso pronunciado em novembro de 1943, no banquete de confraternização dos médicos brasileiros com os médicos das forças americanas. **Neurobiologia**, 7 (1–2): 1, 1944.

II – Bibliografia Consultada

a) Sobre Ulysses Pernambucano *

ANAIIS DA SOC. BIOLOGIA DE PERNAMBUCO, 4(1): 3–9, 1943. Discurso de René Ribeiro por ocasião da sessão solene de homenagem à memória de Ulysses Pernambucano promovida pela Sociedade de Medicina de Pernambuco.

COELHO FILHO, Heronides. **A Psiquiatria no país do açúcar e outros ensaios**. João Pessoa, União, 1977. Republica a série de artigos “A Psiquiatria em Pernambuco”, aparecida em **Neurobiologia**, 16, 1953.

CICLO de estudos sobre Ulysses Pernambucano (vários autores). Recife, Ed. Universitária, 1978.

Conjunto de conferências pronunciadas na Academia Pernambucana de Medicina, em 1976 e 1977, destacando-se as de João Marques de Sá, Luiz Cerqueira, Anita Paes Barreto, Gilberto Freyre, e especialmente a de José Lucena. Inclui bibliografia.

* A presente listagem não se propõe a esgotar o tema, apenas inclui as publicações efetivamente lidas na feitura do trabalho. Vários números de **Neurobiologia**, assim como jornais da época, incluem publicações sobre Ulysses Pernambucano.

ESTUDOS pernambucanos dedicados a Ulysses Pernambucano (vários autores). Recife, Jornal do Commercio, 1937.

Esta publicação, referida no item 5, inclui o testemunho de vários amigos e discípulos de U. Pernambucano. Deu-se a lume como protesto contra sua prisão e é fonte de informações indispensável.

FREYRE, Gilberto. Um Quase político; In: **Quase Política**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

Testemunho do primo, amigo e cientista social em emocionado discurso pronunciado em 1944, na Fac. de Direito de Alagoas.

NEUROBIOLOGIA, 6 (4), 1943 (nº especial dedicado ao Congresso de Natal).

Este número da revista da Soc. de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste foi publicado logo após a morte de seu fundador. Inclui necrológico e também a última conferência de Ulysses Pernambucano.

NEUROBIOLOGIA, 8 (4), 1945 (nº **in memoriam** a U. Pernambucano) Destacam-se o "Necrológico do Prof. Ulysses Pernambucano" por José Lucena, e textos de René Ribeiro, Luciano R. de Moraes, e Gilberto Freyre.

NEUROBIOLOGIA, 16(4), 1953 (nº comemorativo do 10º aniv. da morte do Prof. Ulysses Pernambucano).

Destacando-se a nota da redação, os discursos de René Ribeiro, Octávio de Freitas Jr., Waldemar Valente, Waldemir Miranda, José Lucena e Edgard Altino, e também o artigo de Heronides Coelho Filho sobre a Assistência a Psicopatas de Pernambuco.

NEUROBIOLOGIA, 37(1), 1974.

Discurso de João Marques de Sá ao tomar posse da cadeira nº 5, da Acad. Pern. de Medicina, patrono Ulysses Pernambucano.

VALENTE, Waldemar. **Ulysses Pernambucano: renovador do ensino em Pernambuco**. Recife, SEC, 1959.

Trata da reforma de ensino da Escola Normal e Ginásio Pernambucano.

b) Sobre o seu tempo:

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da república de 1930 a 1960**. 3ª ed. São Paulo, Alfa-Omega, s.d.

CARONE, Edgard. **A República velha** (evolução política). 2. ed. São Paulo, DIFEL, 1974.

- . *A República velha (instituições e classes sociais)*. 3. ed. São Paulo, DIFEL, 1975.
- . *A Terceira república (1937–1945)*. São Paulo, DIFEL, 1976.
- . *O Estado Novo (1937–1945)*. Rio de Janeiro, São Paulo, DIFEL, 1976.
- COSTA PORTO, José da. *Os Tempos de Estácio Coimbra*. Recife, UFPE/Ed. Universitária, 1977.
- DINIZ, Eli. *Empresário, estado e capitalismo no Brasil: 1930–1945*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30: historiografia e história*. São Paulo, Brasiliense, 1970.
- FREYRE, Gilberto et. al. *Estácio Coimbra: homem representativo do seu meio e do seu tempo*. Recife, MEC/IJNPS, 1973.
- GARCIA, Nelson Jahr. *Estado Novo: ideologia e propaganda*. São Paulo, Ed. Loyola, 1982.
- LIMA FILHO, Andrade. *China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época*. Recife, Ed. Universitária, 1975.
- LOPES, Juarez R. B. *Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil*. 4. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1978.
- SAES, Décio. *Classe média e política na primeira república brasileira (1889–1930)*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- SOUZA BARROS, Manoel. *A Década de 20 em Pernambuco*. Rio de Janeiro, Ed. Acadêmica, 1972.